NUMERO 98. SABBADO 17 DE ABRIL DE 1830.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA"

O AMIGO DO HOMEM, E DA PATRIA.

Malheur à l'homme qui rapporte tout à lui, qui ne voit que lui dans la Nature.

Subscreve-se a 5$ reis por semestre, pago no principio delle: huma Folha que sahirá ás Terças, Quintas, e Sabbados, em Porto Alegre na Typographia; no Rio Pardo em Casa do Sr. José Antonio Soares; e no Rio Grande em Casa do Sr. Francisco Manoel dos Passos. Folhas avulças na mesma Typographia a 80 reis cada huma.

INTERIOR.

OS annaes dos póvos celebres da antiguidade são uniformes a respeito da paixão da riqueza, e meios, que empregárão para adquiri-la. Os Persas, que figurão primeiro no theatro da hystoria, erão pobres e miseraveis, quando Cyro os conduzio á conquista das ricas provincias da Asia. Não tinhão, para fazer a guerra, outros motivos se não a esperança de sahirem da sua miseria; fizerão-se conquistadores para enriquecer, e enriquecerão-se esbulhando de suas riquezas os povos vencidos. Accumuladas no thesouro dos Reis, estas riquezas, conquistadas pela coragem do pôvo vencedor, e distribuidas primeiramente ao exercito, aos generaes, aos grandes do Imperio, e a todos os que tinhão sido benemeritos por seus serviços, contribuirão para a grandeza do Monarcha, e para o esplendor do Imperio. Mas bem cedo vierão a ser preza de hum pequeno numero de validos, de cortezãos, de escravos; em huma palavra, desclasse de homens, que sob os governos absolutos, vive das depravações, e dos vicios do Senhor, e desde então a potencia dos Persas declinou, até o momento em que desappareceu de todo, diante de hum exercito de 35 mil homens sahidos das montanhas estereis da Macedonia, ou tirados dentre os proletarios da Grecia (1).

Os Sparciatas, não menos celebres por seu desprezo pelas riquezas, do que por seus prodigios militares, forão pouco dignos dos elogios, com que a posteridade os tem honrado. Escravisárão os Helotes, ou habitantes da Laconia, para fazerem recahir sobre elles o pezo de suas precisões. As instituições de Lycurgo, que fundavão a ventura sobre o desinteresse, *e que havião obtido a aprovação dos Deoses*, não livrárão este pôvo da perigosa seducção das riquezas. Apenas este Legislador celebre tinha expirado; sem respeito por suas leis, e pelos Deoses, que dellas se tinhão feito de algum modo conservadores, Esparta conquistou Messenia, donde exterminou, baunio ou escravisou os habitantes, e he desta epóca de oppressão, e de roubo que data a sua importancia, e consideração na Grecia. Em todas as outras epocas de sua historia, este pôvo não foi mais religioso observador das leis de Lycurgo contra a riquéza. O resgate dos prisioneiros de guerra, o espolio de Platea forão avidamente recolhidos no thesouro publico,

(1) Os proletarios (proletagii, a prole creanda) erão cidadãos que entre os Romanos não possuião mais do que 1500 sestercios, e só contribuião para as necessidade do Estado com seus filhos. (Ganilh).

e como observa muito bem Plutarcho, *os particulares fugirão de deprezar a riqueza, que o publico estimava; e a lei, que vigiava á porta dos Spareiatas, para fechar ao ouro a entrada na sua caza, foi menos poderosa do que o exemplo do publico, que abria o coração á cobica.* Os maiores generaes, os chefes mesmo do Estado succumbirão á seducção do ouro do grande Rei, e as moedas de Athenas se insinúarão até debaixo dos tectos do cubiçoso Sparciata.

Mas estas riquezas, de que os Sparciatas forão tão ávidos, só as alcançárão, arrancando-as á miseria dos outros póvos; empobrecendo-os; e quando, apezar das leis de Lycurgo, ellas se *concentrárão na mão de hum pequeno numero de Cidadãos*, Esparta não teve mais virtude, gloria, nem podêr.

A Attica, paiz ingrato e esteril, nunca haveria sahido do estado de indigencia, a que a natureza o condemnára, se a partilha do espolio de Platea, e o saque das Cidades da Asia menor, que havião seguido a causa de Xerxes, lhe não tivessem franqueado a estrada das riquezas, e a carreira da ambição. Este primeiro favor da fortuna foi hum forte aguilhão para novas usurpações. Os Athenienses se apoderárão das contribuições, em que as Cidades confederadas da Grecia se tinhão cotizado, para repellirem os attaques do grande Rei, augmentárão arbitrariamente a taxa, subjugárão varias Cidades e Ilhas da Grecia, despojarão-as de suas riquezas, e sujeitarão-as á tributos enormes. As riquezas de Athenas derivárão pois do saque, da oppressão, e do empobrecimento dos outros póvos, e vindo a ser a partilha de pequeno numero de Cidadãos, trouxerão a ruina do Estado.

Roma, fundada por salteadores, e escravos fugidos, que buscavão asylo contra a justiça das leis, por longo tempo não subsistio se não saqueando a colheita de seus visinhos. *Romulo esteve quasi sempre em guerra com estes, para ter Cidadãos, mulheres, ou terras.....*

O eloquente quadro, traçado por Montesquieu, da paixão dos Romanos pelas riquezas, explica perfeitamente o motivo das suas guerras, a causa das suas victorias, das suas conquistas, dominio, e podêr: he com tanta justiça como razão, que aquelle immortal escriptor poz a avidez das riquezas, entre as causas da grandeza desse povo.

(*Ganilh.*)

Effeitos da Philanthropia Ingleza.

Em a nota do nosso n. 24 promettos que em tempo competente haviamos de dizer em que consiste a *charidade* Ingleza. Agora temos occasião de dizermos alguma cousa sobre a grandiosa *philanthropia* Ingleza, e primeiro que tudo devemos advertir aos nossos Leitores que, quando fallamos dos males, que nos tem causado os Inglezes, deve entender-se o seu *governo, o seu furioso, e tenebroso gabinete*; por quanto na ordem dos que existem entre nós, os chamados negociantes, são honrados, verdadeiros philosophos, e Constitucionaes, e não se importão com o andamento das nossas cousas, e antes com o seu negocio ajudão a muitos Brasileiros, e fazem casas; e o contrario vemos praticar os Francezes, como o Snr. *Plancher*, a gazeta *Correio do Brasil* em idioma Francez, e outros muitos, que, além de nos chuparem os *nossos vintes*, e desfructarem o nosso bom agazalho, nos dão em paga *muitas descomposturas, e insultos nas suas anecdotas, prognosticos, e artigos de gazetas.* Vamos ao nosso promettido. Hoje 13 de Março todos os navios da costa de Africa, com transportes de escravos para o Brasil, devem levantar a ancora, e virem de volta para cá, e o que for encontrado com passaporte, posterior á esta data, será tomado, como pirata. Oh! Ceos, que horror!.... Tremem as nossas carnes! Que bella *philanthropia* Ingleza! Sim, nós fallamos do tractado da abolição de escravatura, sobre o qual temos bem fitos os nossos olhos. Só a Inglaterra, só o *furioso, e tenebroso gabinete* Inglez, sería capaz de obrigar o nosso infeliz Brasil, ou melhor, o nosso *desgraçado Governo* a fazer hum tractado tão *aviltante*, tão *vergonhoso*, e tão cheio de *afrontas*! Eis-ahi o maior cúmulo da nossa desgraça? Eis-ahi o maior ponto da *philanthropia* Ingleza! Sermos reputados *piratas*, ou *ladrões* do mar, só por que assim o quiz a Inglaterra, só por que assim o quiz o nosso *desgraçado Governo*! Ceos, que horror, pue lástima, que

miseria!!! Pois pelos effeitos da *ambição* commercial, no caso que seja encontrado algum navio, o mestre, o piloto, a companha, em fim todos hão de ser considerados, como *piratas*? E qual he o castigo da *philanthropia* Ingleza para os *piratas*? Cabeça fora do corpo! Oh! Ceos, que *tyrannia*, que *dispotismo*, que *attentado* contra as nossas vidas, e seja tudo por effeito da *charidade* Ingleza!!! Pois para o Brasil abominar para sempre tão *barbaro*, e *deshumano* commercio, este maldito tráfico de *carne humana, (e malditos os primeiros homens, que o inventárão)* era preciso sugeitar-se á hum tractado tão *vergonhoso*, (que desgraça!) e contra o direito da natureza, e das gentes! Estava da parte do nosso *desgraçado Governo*, depois de feita huma Lei pela nossa Assembléa para a abolição da escravatura, tomar todas as necessarias medidas para a sua execução, e não consentir em hum tractado, em que se achão calcados aos pés os nossos direitos, a honra da nossa Nação, e as nossas vidas! Que desgraça he a nossa, meu Deos! Até quando os Inglezes darão leis, e governaráõ as nações, que lhe são inferiores?! Por causa das prezas, feitas no bloqueio de Buenos Ayres, motivado pela *vergonhosa* guerra do Sul, o governo Inglez quasi pelo podêr da força requisitou os seus navios apresados; pois para fazer efficazes as suas ameaças, não fez esta requisição, sem que chegasse a Náo Ingleza Ganges, a qual com huma fragata da mesma nação se puzera em attitude de bloquciar este porto, e o nosso Governo teve tanto medo, que se dispoz a satisfazer a requisição Ingleza. Oh! que vergonha! Será possivel que huma Nação Livre, e independente se dobre a soffrer *injurias*, e *insultos* de outra, que se julgue mais poderosa?! Quem nos obriga a soffrer tantas *afrontas*? Por ventura estamos na Irlanda escravizada? Oh! desgraçados Brasileiros, que tendes de supportar sobre os erros de hum mau governo o *dispotismo estrangeiro*! Se nós tivessemos hum governo energico, habil, e Constitucional, que bella occasião nos dão agóra estes Snrs. Inglezes, para sacodirmos o *jugo politico*, com que esta nação vai acabrunhando todas as mais pela *fraqueza* dos seus governos! Huma heroica negativa deveria ter sido sempre a resposta do nosso Governo, e á primeira agressão da parte dos Inglezes deveria succeder hum rompimento geral em todo o Brasil; "tomarem-se-lhes as embarcações de guerra, e mercantes, que estivessem nos nossos portos; encarcerar estes *Lords Mascates*, que traficão no nosso Paiz; confiscarem-se-lhes os bens; suspender o pagamento do emprestimo em Londres; suffocar a companhia do Gongo Secco; annullar todos os tractados, e em fim feixarem-se-lhes os portos." Nós queriamos ver o que farião os Inglezes, se o nosso Governo adoptasse taes medidas. Nós poderiamos ficar certos, e persuadidos de que não vinhão para cá esquadras, nem exercitos tomar-nos satisfações na distancia de mais de duas mil leguas; pelo contrario nós veriamos chegar hum officioso embaixador dar-nos quantas satisfações nós quizessemos, e humildemente pedir a continuação do seu commercio. Parece incrivel, como estes altivos netos dos *escravos* de Cromwel se curvão diante do *Bei de Argel*, e do *Mandarin de Canton*, á troco de hum pouco de commercio! Quem não sabe da entrada, que a soberba esquadra Ingleza do almirante Neal fez pelo porto de Argel, recebendo hum *horrivel fogo* dos Mouros, sem disparar hum só tiro, levantar a bandeira branca, e a presentar outro consul em lugar do que alli havião morto os mesmos Mouros, e tudo ficar, como dantes, acabando esta *baixeza* Ingleza com salvas de artilheria? Quem não sabe a maneira despresivel, com que estes orgulhosos Inglezes, *Lords Mascates*, são tractados na China, a maneira ridícula, com que são recebidos os embaixadores Inglezes pelo Imperador da China? Quem he que ignora todas estas *baixezas*? Por ventura nós somos menos, que os Chinas, e os Mouros, para os Snrs. Inglezes nos tractarem com *orgulho, soberba*, e *vaidade*? Os Inglezes não são tão tollos, que queirão comprometter o seu commercio no Brasil, e a causa das suas *fanforranadas diplomaticas* he a certeza, que elles tem, da *fraqueza* do nosso Governo, bem como hum salteador, que com o Bacamarte descarregado vai atacar a hum medroso, e o despoja de todo o seu dinheiro, sem nada receiar. Quando estes *Lords Mascates* vêem

cortada alguma parte do seu commercio, ci-los a pedir misericordia. O nosso Governo não deve de maneira alguma consentir que a Inglaterra ataque a nossa Nação á despeito do direito das gentes. Está nas nossas mãos o fazermos que sejamos respeitados da nação Ingleza, que aspira, e trabalha para o dispotismo universal; e he tão facil contê-la, que huma só folha de papel será bastante. Não precisamos de Inglezes para nada, de nada nos serve a sua influencia, salvo para aquellas nações, que dezejão o cativeiro. A homenagem, que consagramos á Honra, e Zello Patriotico, neste momento nos faz recordar as cartas, que o Immortal Marquez de Pombal dirigiou ao Lord Chatan, as quaes bem mostrão, como aquelle Sabio Ministro soube repellir o *jugo*, que a nação Ingleza havia lançado á Portugueza. Perguntamos qual foi o resultado de tão Patrioticas, e energicas resoluções? Foi a Inglaterra abaixar a *orgulhosa* cabeça, e lembrar-se do seu *primeiro estado*. Pois Portugal tão perto de Inglaterra não teve medo de esquadras, nem de exercitos; nós em tão vasta distancia somos tão medrosos? Se o nosso Governo não se mostrar energico, Constitucional, não deixando escapar a boa occasião, que temos, de fazer frente a Inglaterra, e fazé-la pagar bem caro o seu atrevimento; então sempre estará em *balanços* a nossa Constituição, a Independencia, e Liberdade do Brasil. Se o nosso Governo mostrar *fraqueza* neste passo, podemos contar que fica a porta aberta á outras insolentes pretenções, não só da Inglaterra, como das mais nações, que nos quizerem cobrir de *ignominia*, *afronta*, e *desonra*. Não sabemos quando o Brasil, o *desgraçado* Brasil, ha de acertar com hum bom Governo, verdadeiramente Constitucional! Tem paciencia, Brasil! ... E tu, Inglaterra, *manancial dos dispotismos alheios, apoio dos absolutistas, e tyrannos*, vai-te inteirando, que, ou mais tarde, ou mais cedo, será infallivel a tua dezejada queda para descanço das Nações Livres! Olha para a Russia, e treme!!!...

(*Da Luz Brasileira.*)

— Ontem ás 10 horas do dia reunio-se nesta Cidade, pela primeira vez, o Conselho de Jurados a fim de decidirem se ha, ou não criminalidade na correspondencia inserida no nosso N.º 79, de 4 de Março deste anno, contra a Santa Casa da Mizericordia desta mesma Cidade; acharão-se 47 Senhores Juizes de Facto, faltando com causa justa oito, e forão multados em 20$ reis os Surs. Joze Alves de Carvalho, Joze Antonio de Araujo Ribeiro, e o Reverendo João Baptista Leite de Oliveira Salgado; João Pereira Monteiro foi absolvido, porque julgou o Conselho que como auzente no Rio de Janeiro, não devia ser multado: em outra occasião diremos alguma cousa a este respeito. Depois de algumas questões e debates, finalmente sahirão os nove eleitos que a Lei determina. Oppondo-se o nosso Accusador, o Collega Redactor do Constitucional Rio Grandense, Snr. Vicente Ferreira Gomes, que no numero dos sorteados, que forão — Francisco de Paula Monte Verde, Ignacio Joze de Abreu, Manoel de Campos Porto, Joze Gomes de Andrade, Serafim dos Anjos França, Zeferino Vieira Rodrigues, João da Silva Lisboa, Antonio de Azevedo Barboza, e Manoel Joze de Leão, dava por suspeitos os tres ultimos visto que pertencião á Meza actual da mesma Santa Casa da Misericordia por onde se nos faz aculpa no prezente jurado, determinou o Senhor Juiz de Direito, o Dr. Juiz de Fora Terretorial Francisco Joze Lisboa, no Impedimento do Senhor Ouvidor da Camarca, a quem pertencia que não asseitava a suspeição, visto que a Lei não estava bem clara a esse respeito. Com effeito retirarão-se os Senhores Vogaes á hum quarto separado, e a portas feixadas (como a Lei determina) depois de algum tempo rezolrão, segundo o que apresentarão, que havia CRIMINALIDADE.

Temos relatado até aqui, o que succedeo no dia de ontem ácerca do Jury, rezervando-nos para em tempo oportuno fazer as reflecções que nos parecerem adquadas a esse respeito.

PORTO ALEGRE 1830. NA TYPOGRAPHIA DE SILVEIRA, E DUBREUIL.
RUA DA PRAIA NUMERO 62.